

HOMOFOBIA: as contribuições da educação no enfrentamento desse problema

Moisés Borges da Silva¹

RESUMO: O presente estudo tem como tema a discussão sobre as possíveis contribuições da Educação no enfrentamento da Homofobia. O objetivo do trabalho, portanto, é mostrar o quanto a Educação pode auxiliar na identificação, bem como na busca por soluções para o problema. Nesse estudo identificamos a problemática, os motivos que levam aos preconceitos homofóbicos no Brasil, o processo histórico carregado de ideologias conservadoras da classe dominante e as contribuições da Educação para combatê-la. Para tanto, são destacados no decorrer do desenvolvimento do trabalho três tópicos conforme segue: Representação do LGBT no Brasil, Construção Social do Corpo Humano e Contribuições da Educação para solucionar a Homofobia. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, embasada em autores que discutem o tema em questão.

Palavras-chave: Homofobia. Heterossexismo. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os diversos caminhos no campo educacional acerca do enfrentamento da Homofobia apontam que ainda existe solução para o problema. Ao longo desse trabalho, será feita uma tentativa de demonstrar como os profissionais devem agir e quais os possíveis caminhos que estes podem de trilhar para chegar às possíveis soluções a médio ou longo prazo a fim de solucionar ou amenizar este problema social.

O trabalho é dividido em três tópicos, os quais são: “Representação Social do LGBT no Brasil”, “Conceitos sobre o Corpo Humano” e “As Contribuições da Educação no Combate a Homofobia”. No primeiro tópico evidencia-se a representação negativa da comunidade LGBT. No segundo tópico, por meio de algumas análises históricas, principalmente na Idade Média e na Contemporaneidade, por intermédio das conceituações sobre o Corpo Humano, é feita uma alusão para com o que se tem sobre o corpo dos integrantes do movimento LGBT. No terceiro tópico, a discussão é finalizada com as Contribuições da Educação no enfrentamento desse problema, demonstrando-se como a educação pode, a médio ou longo prazo, tentar solucionar esse problema social.

¹ Acadêmico do 4º período do Curso de História da Faculdade Alfredo Nasser, no 2º semestre de 2019. E-mail: moises95ciencias@gmail.com.

Esses três tópicos acima citados são fundamentais para entender os motivos pelos quais existe o crescimento incontrolável das discriminações e preconceitos homofóbicos no Brasil.

2 METODOLOGIA

O presente estudo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, embasada em livros, teses, dissertações e artigos científicos que discutem a temática em questão. Tais análises foram de fundamental relevância para a escrita do presente Resumo Expandido que, em seus “Resultados e Discussão” divide-se em três tópicos, sendo que cada um discute, por meio de interrogações, a problemática envolvida no presente trabalho. Neste contexto, ressalta-se, ainda, que foi feita também uma análise histórica, sociológica englobando vários contextos na história humana.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Representação social do LGBT no Brasil

A representação social do Movimento LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros no Brasil pela maioria é negativa, e isso se dá pelo fato do “espírito” muitas vezes conservador que existe em nossa sociedade. O grande crescimento do heterossexismo, conceito este que será explicado no decorrer do trabalho, tem causado espanto entre os homossexuais. Sabe-se que esse “espírito” conservador da maioria dos brasileiros não é algo inato, mas que é uma construção social da classe dominante. O heterossexismo, portanto, é um grande e real inimigo do Movimento LGBT, que a cada dia vem lutando contra a identidade desse importante grupo social.

Ao falar de heterossexismo, é importante entender que a ação dos heterossexistas tem uma representação social naquela comunidade (sociedade) que está sendo analisada. Todas as atitudes têm suas representações, e a ação dos que fazem tal coisa é, conseqüentemente, a motivação pela qual um ou mais grupos se tornaram representados. Na concepção de Borrillo (2010), entende-se que o heterossexismo é a conseqüência psicológica de uma representação

social, e aqueles que não se enquadram na heterossexualidade são, por representações, os vistos negativamente pela maioria que é heterossexual.

As identidades, segundo Silva (2000) são construções histórico-culturais, e elas são perpassadas pelas relações de poder. Logo, entende-se que em uma sociedade de maioria heterossexual, os outros grupos que se afastam dessa orientação sexual são aqueles tidos como marginais. Esses grupos têm suas representações sociais criadas pela classe que detém o poder social. E as identidades daquela sociedade tenderão a ser a identidade do grupo que está sob o comando social, político e até mesmo econômico.

Seguindo o mesmo raciocínio de Borillo (2010), em uma sociedade dominada pelo masculino, a homofobia será um instrumento de vigilância. Sendo esse instrumento de vigilância social, os outros grupos femininos e os homossexuais sofrem grande rejeição social. E nesse caso, esses grupos, dentre eles o dos homossexuais, sempre serão classificados como aqueles que não representam a identidade daquela comunidade, e são taxados como os marginais, pervertidos e, conseqüentemente, sofrerão muito com determinadas atitudes da classe dominante.

Neste contexto, qual a representação social do LGBT nas escolas? Sabe-se que a maioria da população brasileira se declara heterossexual, e isso pode se tornar um perigo para os homossexuais, tendo em vista que, por vezes, sua representação será negativa. Em uma sociedade no qual a maioria é, ou se declara, heterossexual, aqueles que não se enquadram nessa lista poderão não ser bem aceitos. Assim, a escola se torna um local onde o objetivo, em relação à orientação sexual, é o de produzir indivíduos heterossexuais (LOURO, 1997). A autora ainda destaca que, essas escolas mantêm aparelhos de vigilância de gênero, e que a identidade heterossexual seria natural, e a homossexualidade seria a desviante, ou seja, a identidade que era anormal. Isso ocorre porque nessa concepção o normal é o heterossexual, e aqueles que não são, serão vistos como os anormais.

Em nosso país existe uma tradição em que o papel do homem tem que ser diferente da mulher. O homem um ser ativo, forte, autoritário e que supera todos os problemas e a mulher uma pessoa doce, submissa, tranquila, frágil (PAKER, 1991). Essa tradição se torna ameaçadora para o movimento LGBT, porque os gays, por exemplo, não podem ter as mesmas características das mulheres, tradição esta que foi historicamente construída pela família tradicional. Da mesma forma, as lésbicas não podem produzir atitudes semelhantes às dos homens. Em uma casa no qual moram duas mulheres lésbicas seria algo pervertido para a família tradicional ou a dita família formada apenas por heterossexuais. Neste caso, o questionamento seria em torno de qual das duas seria o homem, visto que nessa tradição

conservadora entende-se que o homem é a “cabeça da casa”, enquanto a mulher é a submissa. São exemplos importantes para compreender essa tradição, pois isso influencia muito na representação social da comunidade LGBT.

Até no presente momento destacaram-se conceitos técnicos científicos sobre identidade e representação, mas afinal de contas: qual a identidade do LGBT a partir da visão deles? Eles se veem normalmente, e a sua identidade é como qualquer outra, e muito embora a comunidade LGBT tenha a sua própria cultura, eles não se acham mais ou menos importantes do que os outros. As representações que os heterossexuais atribuem aos homossexuais não é a mesma que eles entendem que seja.

3.2 O que é o Corpo Humano?

É admissível que a resposta para esta pergunta seja bem complexa, porque o significado dependerá do contexto social. Sant’Anna (2006) destaca que mesmo que os estudos se concentrem no corpo humano, teríamos vários caminhos para abordá-lo, e são variados os caminhos nesse percurso, podendo ter olhares permeados pela medicina, arte, antropologia, educação física e até pela moda. Ainda nessa mesma discussão sobre o corpo humano, vale ressaltar que sempre haverá controle sobre o mesmo, conforme afirma Foucault:

O corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Foucault destaca a vigilância dos corpos, e essa vigilância pressupõe que seja em tudo. Vigilância no sexo, na alimentação, no trabalho e nas relações sociais. O autor levanta essa discussão porque, segundo ele, o Estado usa de aparelhos coercitivos para manter o controle social. Isso tem tudo haver com a discussão sobre a sociedade LGBT, porque eles estão sendo vigiados constantemente pelos grupos que querem manter uma identidade única, ou seja, a heterossexual.

Prosseguindo ainda nessa discussão sobre o corpo humano, é necessário classificar um, ou mais, períodos históricos para analisa-lo. Com uma breve reflexão sobre o corpo na Idade Média, Jacques Le Goff e Nicolas Truong apontam que no mundo medieval pairava a

ideia do pecado original, que depois foi considerado pela Igreja Católica pelo pecado sexual. Cristo fez a remissão, no momento da encarnação pelos pecados desses corpos, pois o corpo na concepção católica era o habitat do pecado (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 35). Também nesse período histórico pode-se verificar que o corpo do homem representava o enfrentamento de lutas, guerras e das mulheres a procriação, na lógica dos nobres. Os escravos viam os corpos como ferramenta para manter a sociedade.

Independente do período histórico deve-se entender que a lógica de corpo é uma construção social. “Corpo e sexo são artefatos socioculturais”, o corpo “é em si uma construção” (BUTLER, 2003, p. 26). Quem faz essa construção sociocultural? A elite. Na Idade Média era, e foi em sua maior parte, a Igreja Católica, e se for analisar outros períodos históricos será possível perceber outras elites efetuando essa construção do corpo na sociedade. “Não existem corpos livres de investimento e expectativas sociais” (BENTO, 2004, p. 125). O que o autor destaca é que não existem corpos a-históricos, pré-discursivos e universais. Não existe um conceito de algo sem que o mesmo não tenha ainda existido em uma determinada sociedade. Ele também salienta a idéia que os corpos não são universais, ou seja, a sua representação varia muito de sociedade para outra, mas é fato que todos os corpos têm suas representações na sociedade.

O corpo não se constitui isoladamente, mas ao “sabor” das dinâmicas das posições e daqueles que são caracterizados como opositores (BOURDIEU, 1999, p. 15). O que Bourdieu destaca é que nenhum corpo se constroem sem a participação da coletividade, de modo que corpos são entendidos como: etnia, cor, sexo, gênero, orientação sexual, etc.

Vron Ware (2004) enfatiza que não basta apenas identificar os significados do masculino e do feminino, mas deve-se observar as construções e os discursos sociais deles, bem como o domínio do masculino, do branco e do heterossexual. Essa observação é tão importante que possibilita perceber os discursos e a forma como outros grupos sociais são tratados. O corpo do movimento negro, do homossexual, da mulher tem uma construção social diferente do corpo do heterossexual, do branco e do homem. Essa percepção é necessária para a compreensão histórica das representações que se tem de outros corpos além da elite.

A construção deste tópico, sobre o corpo humano, justifica-se por entender que todas essas relações de poder e repressão de um grupo para com o outro acabam por evidenciar negativamente as comunidades tidas como minoria, nesse caso analisado, é o LGBT, e sua representação na sociedade. O corpo de um homossexual é diferente de um heterossexual? No sentido físico não. Os dois são iguais. Até mesmo de homens e mulheres, o que diferencia é o

aparelho reprodutor. Porém, no discurso conservador é um corpo pervertido, porque foge do modelo social considerado como correto.

3.3 Contribuições da Educação no combate a Homofobia

Conforme afirma Smigay (2002, p. 34), “homofobia ainda é um conceito ambíguo, geralmente associado à homossexualidade, uma postura de rejeição, de medo de contato”. Heilborn destaca também que a sexualidade também se entende como “constitutiva da subjetividade e/ou da identidade social” (HEILBORN, 1999, p. 32).

Assim, a partir deste contexto, entende-se que a Educação é uma importante ferramenta para combater a Homofobia. Partindo desse pressuposto, não pode-se esquecer que a escola pode ser um local privilegiado ou de estranhamento, conforme alguns teóricos veem (MISKOLCI, 2013). Em relação ao movimento LGBT, entende-se que é uma: “comunidade homossexual” (MOTT, 1997). Sendo uma comunidade, deve ser valorizada e mantida a sua cultura. No ambiente escolar acontecem muitas repressões com a mudança de comportamento de alguns alunos (as). Bortolini (2008) pontua:

Obrigar um aluno ou aluna a modificar o seu jeito íntimo de ser, de falar, de se fazer bonito para poder estudar, é condicionar um direito que é incondicional. É abuso de poder. É desrespeito. E é sinal de que o educador ainda não entendeu que a identidade sexual daquele aluno não é uma firula ou uma brincadeira, mas parte constitutiva da sua própria personalidade.

Bortolini (2008) destaca e orienta os docentes a não cometerem tal erro, pois o assim está infringindo o direito do aluno (a), pois não respeitará a sua orientação sexual. Mesmo que se trate da infância, aos poucos a criança será orientada pelo seu corpo, e na adolescência ou quando estiver adulta, reconhecerá sua homoafetividade, ou a heteroafetividade. Segundo Henriques (2007), a escola é um local fundamental para o reconhecimento da pluralidade das identidades, e no caso do presente tema discutido no decorrer deste trabalho, a identidade LGBT. O mesmo autor afirma que

A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. [...] [A] escola torna-se uma referência para o reconhecimento, respeito, acolhimento, diálogo e convívio com a diversidade (HENRIQUES *et al.*, 2007, p. 9).

A Escola e a sala de aula, seguindo a lógica do autor acima, é o melhor local para discutir esses assuntos, tendo em vista que é na escola que se aplica o conhecimento que se aprende na formação enquanto professor. Sabendo disso, é necessário entender que é um processo longo e que percorre vários caminhos no campo educacional.

Seffner (2009, p. 127) destaca: “quando se trata de discutir o que deve ser feito, como deve ser feito, quando deve ser feito, quem está habilitado a fazer”. Existe, portanto, o momento exato para se discutir tais acontecimentos, e esse momento é a partir da gênese da homofobia e do heterossexismo entre os alunos. Quando o professor (a) perceber tal situação ele (a) deve urgentemente conversar com o agressor (a), sendo um diálogo pelo viés educacional e não clínico, e a partir daí o profissional procura, na medida do possível solucionar o conflito. Surgirão problemas que o professor não resolverá sozinho, e para isso será necessário o apoio da direção da escola. Segundo Nardi (2006) e Altmann (2003), nos programas de educação sexual ainda permanece a idéia de que o “normal” é a heterossexualidade, sendo essa a visão dominante. É, portanto, um dos motivos dos constantes ataques à comunidade homossexual. O professor, com a ajuda da direção da escola pode resolver somente aqueles problemas nos quais lhe compete. Um professor (a) não pode diagnosticar, ou prescrever um receituário médico ou fazer um diagnóstico psicológico para o tratamento da vítima ou do agressor em sala de aula, porém ele pode, caso o mesmo não consiga solucionar o problema evidenciado, encaminhar o caso para os profissionais da saúde ou da justiça, dependendo da situação. O bom professor terá o discernimento no momento.

4 CONCLUSÕES

Para as considerações finais ressaltam-se dois aspectos importantes para entender o presente estudo: primeiramente que a homofobia é um problema de todos. Além de ser um problema para todos, ela também é um perigo social. E na concepção de Heilborn, autor citado no decorrer do trabalho a sexualidade é uma identidade social, portanto é também uma causa social.

Em segundo lugar, pode se tornar uma alternativa de solução para todos, porque a partir do momento que caminharem juntos tanto o campo científico como a sociedade civil em geral, pode-se chegar a resultados positivos e, assim, à solução para tal problema. E claro que, tudo passa também pela educação. Ao propor a mudança social, automaticamente tem que ser modificada a concepção e abordagem da a educação em relação temática, pois por

meio dela as mudanças surgirão. É importante salientar que ao falar de educação, aponta-se que a mesma deve perpassar pela consciência ética dos seres, para posteriormente, passar pela educação escolar.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Orientação sexual em uma escola:** recortes de corpos e de gênero. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 21, p. 281-15, 2003.

BENTO, Berenice. **Transexuais, corpos e próteses.** Labrys – Estudos Feministas, n. 4, ago./dez. 2003.

_____. Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual. In: LOPES, Denilson *et al.* (Orgs.). **Imagem e diversidade sexual:** estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa, 2004.

BORRILLO, D. A Homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs.). **Homofobia & Educação:** um desafio ao silêncio (pp. 15-46). Brasília: LetrasLivres / Editora da Universidade de Brasília, 2010.

BORRILLO, D. **Homofobia:** História e Crítica de um Preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BORTOLINI, A. (Coord.). **Diversidade Sexual na Escola.** Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** São Paulo: Marcos Zero, 1983.

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999 (ed. or.: 1998).

BUTLER, Judith. *Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista.* Revista Debate Feminista, México, ano 9, v. 18, Oct. 1998.

_____. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HEILBORN, Maria Luíza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, p 206. 1999.

HENRIQUES, R. *et al.* (Org.). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos SECAD, n. 4, Brasília, maio de 2007.

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOURO, G. L. A Construção Escolar das Diferenças. In: SILVA, T. T. (Org.). Gênero, Sexualidade e Educação. **Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1997. p. 57-87.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOTT, Luiz. **Pagode português**: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. Ciência e Cultura, SBPC, v. 40, p. 120-139, fev. 1980.

_____. **Homofobia**: a violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil. San Francisco, USA: Editora IGLRHC, 1997a.

NARDI, H. C. *Youth subjectivity and sexuality in the Brazilian cultural and educational context*. *Journal of Gay and Lesbian Issues in Education*, Binghamton, NY, v. 2, n. 2/3, 2006.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e História**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 3-24.

SMIGAY, K. E. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, 2002.

SEFFNER, F. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. In: JUNQUEIRA, R. **Diversidade sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009. p. 125-39.

WARE, Vron. Pureza e perigo: raça, gênero e histórias de turismo sexual. In: WARE, Vron (Org.). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.